

A REPRESENTAÇÃO COLETIVA DO POVO KALI'NA NA VISÃO DO/NO TERRITÓRIO EM OIAPOQUE-AP

Evilania Bento da Cunha, UNIFAP,
evilaniabc@gmail.com

RESUMO

O relato apresentado aqui, fez parte da metodologia utilizada durante a pesquisa para elaboração da tese de doutorado em Geografia que foi defendida em 2022 na UFPA. Sendo essa experiência refletida e descrita no quarto capítulo da tese. Trata-se portanto, de uma oficina de cartografia social que teve por objetivo mapear o território Kali'na a fim de entender qual o significado que esse povo tem de território. Ao final da oficina pudemos ter uma carta com elementos que foram categorizados compreendendo as diversas dimensões do território. Outro elemento importante foi poder reunir três gerações de Kali'na para definir o seu território, trazendo uma série de narrativas e impulsionando a nova geração a buscar e conhecer sua ancestralidade e elementos essenciais da cultura.

Palavras-chave: Kali'na; Mapa mental, Cartografia social, Oiapoque, T.I. Galibi.

INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência apresenta o resultado da oficina de cartografia social que, além de ser uma metodologia, também foi um instrumento de colaboração com a comunidade Galibi do povo indígena Kali'na Telewuyu, que habita a Terra Indígena Galibi no município de Oiapoque-AP, mas que é um povo que migrou da Guiana Francesa para o Brasil na década de 1950.

O objetivo da oficina era captar o que os Kali'na veem por território, qual a compreensão e quais as memórias que constituem o seu território. Para tanto, a oficina foi um espaço de elaboração do mapa mental ao mesmo tempo que se pensava o que era e o que fazia parte do território Kali'na no Brasil. Esse objetivo é um dos objetivos da tese intitulada “Dinâmica territorial do povo Galibi Kali'na de Oiapoque-AP”.

A oficina de cartografia social Kali'na foi um desdobramento de outra atividade que ocorreu durante o trabalho de campo, no segundo semestre de 2019, foi desenvolvido um

projeto de cartografia escolar na escola da comunidade das séries iniciais até o 5º ano do Ensino Fundamental, trazendo como tema a ser cartografado as roças das famílias de cada aluno.

O trabalho de campo, em especial, tentava entender como a roça torna-se um ponto central na vida e na cultura Kali'na, isso nos permitiu conhecer e refletir sobre a vida em várias dimensões e na interconexão presente nos elementos da natureza; tudo está interligado, somos nós os pesquisadores que separamos pra entender melhor para explicar e que na maioria das vezes não conseguimos juntar e dar o sentido holístico que essa parcela de nossa pesquisa requer.

Desse modo, foi percebido que se precisava ampliar à toda comunidade Kali'na, com representantes de todas as gerações, a metodologia da cartografia social, para representar o que eles entendiam por território e como se viam no território. Gomes (2017, p.33) nos interpela a reconhecer que “a atividade de observar o mundo e descrevê-lo é fundamental”.

Na apresentação do livro sobre cartografia social e território, é feito um histórico de como a cartografia social atende às necessidades das comunidades tradicionais para o planejamento de uso das áreas ocupadas por essas populações. E como o projeto a Nova Cartografia Social da Amazônia consolidou a experiência de mapeamento social com a colaboração de sindicatos, associações, movimentos, cooperativas na tentativa de resguardar direitos territoriais (ACSELRAD, 2008).

A elaboração do mapa mental trouxe muitos detalhes da vivência, mas destacamos quatro elementos que se sobressaíram na oficina e que indicam o que é o território para os Kali'na que participaram da oficina de cartografia social e elaboração do mapa mental: os lugares do sagrado, os lugares de comercialização, os lugares de extração dos substratos para reprodução da cultura e as rotas de comercialização e fluxos.

Esses elementos foram extraídos do mapa mental gerando quatro mapas com destaque para lugares que continham o sagrado, os substratos para reprodução da cultura, local de comercialização e rotas de fluxos. Além disso, possibilitou pensar forma de scanner de imagem com pouco recurso tecnológico.

METODOLOGIA

A revisão bibliográfica nos auxiliou na construção do arcabouço teórico metodológico para definição e clareza dos conceitos de Território, Dinâmica Territorial, Territorialização e povos indígenas, decolonialidade, estando presentes em todo o caminho de construção epistemológica.



Foi organizada uma oficina de cartografia social utilizando folhas brancas em papel A0, que foram sendo acrescentadas durante a execução da oficina, nas quais os Kali'na de três diferentes gerações colocaram suas visões do território e como eles se viam no território. Como o objetivo era captar a concepção que os Kali'na tinham do território optamos pelas folhas em branco e não o mapa mudo com as coordenadas e escala pré-estabelecidas.

Antes da execução da oficina ocorreram algumas ações pois, a preparação de uma oficina de cartografia social pressupõe uma organização prévia que implicará na sua execução e nos resultados. Como os agentes sociais eram indígenas, o processo requereu alguns passos a serem dados – o que decidimos fazer coletivamente.

O primeiro passo foi consultar as lideranças se seria possível fazer uma oficina de cartografia social, onde eles representariam o território, ou melhor, a visão que eles têm do território. Levando em consideração que ainda estávamos vivendo a pandemia, era necessário fazer os acordos e verificar uma agenda.

O segundo passo foi constituir uma equipe que pudesse contribuir com a oficina, composta por um jovem indígena responsável pela documentação de vídeo e foto; um doutorando em antropologia que contribuiria com a interlocução, facilitando os objetos a serem cartografados; um jovem estudante de geografia, que tem o conhecimento técnico do software para elaboração dos mapas. O terceiro passo foi reunir um grupo de lideranças Kali'na e a equipe de facilitadores para apresentar como seria a oficina e definir a data que se adequasse para todos e que fosse aprovada pela comunidade.

O quarto passo foi a logística antes da oficina; compra de material didático em Macapá, na capital, pois em Oiapoque o material de papelaria é restrito - além do alto custo; prever a logística de combustível e transporte para transportar a equipe, os materiais e as pessoas que participariam da oficina e que moram na cidade de Oiapoque, pois a oficina ocorreria na Terra Indígena Galibi, há 40 minutos de voadeira no rio Oiapoque em direção a foz; fazer as compras de alimentação para os dois dias de oficina; contactar e formar a equipe de cozinha que faria a comida para que todos os Kali'na pudessem participar integralmente da oficina.

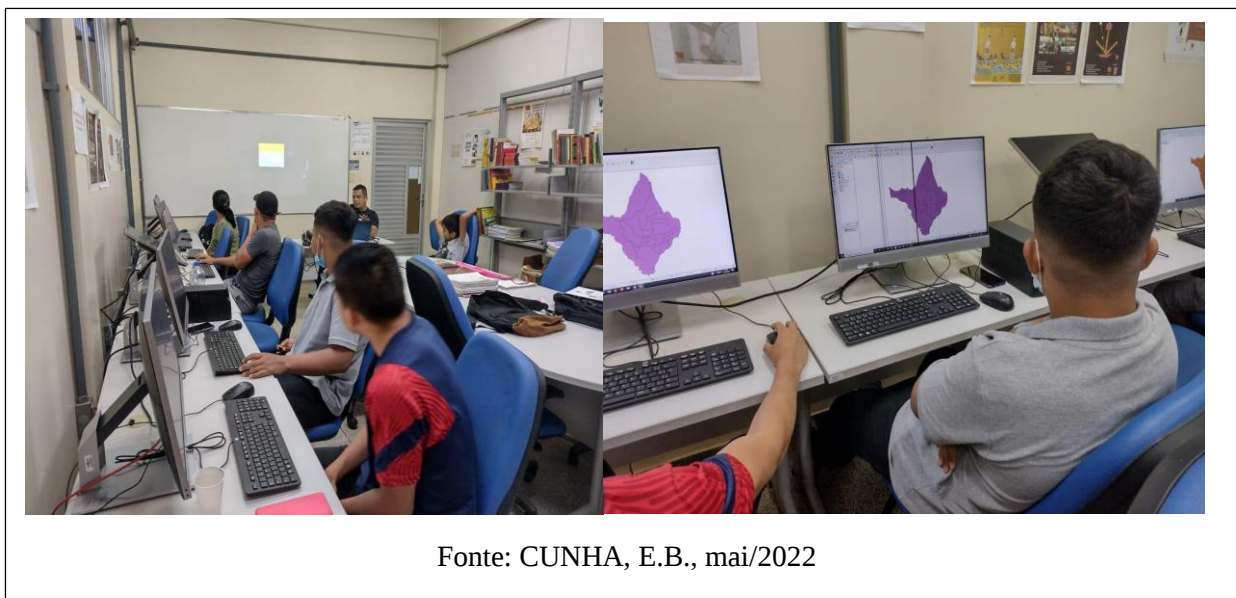
Essa equipe foi formada por pessoas da própria comunidade, mas que não são do povo Kali'na. A oficina aconteceu nos dias 26 e 27 de fevereiro de 2022 na comunidade do Galibi. Estavam presentes três gerações de Kali'na. Foi uma boa resposta, com a participação de 21 Kali'na, em diferentes faixas etárias. Além disso, a oficina se propôs a apresentar essa metodologia para que a Associação dos Kali'na - que foi constituída em agosto de 2021 - possa utilizar nos trabalhos que pretendem desenvolver.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desse modo, o mapeamento participativo tornou-se uma estratégia no mundo todo, sobretudo para verificação de conflitos territoriais e planos de manejo comunitários (COLI, 2010, p.94). Com as diversas experiências no mapeamento participativo, verificou-se que não era suficiente a elaboração dos mapas mentais com as informações e colaboração de lideranças das associações e comunidades tradicionais; era necessário empoderar sobretudo os jovens dessas comunidades com a técnica de elaboração de mapas, o manuseio de GPS e capacitação em softwares como ARCGIS, QGIS, IDRISI, etc.

Assim, na elaboração do Programa Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas (PNGATI), uma das etapas é a elaboração dos mapas com uso de software, feito pelos próprios indígenas, gerando um empoderamento e descentralização do poder da técnica. Nesse sentido, foi oferecido como devolutiva à comunidade Kali'na de Oiapoque, uma oficina de QGIS, que foi ministrada na Universidade Federal de Oiapoque Campus Binacional de Oiapoque.

Figura 1: oficina de QGIS para os jovens



A oficina de cartografia social, começou no dia 26 de fevereiro às 9h com uma apresentação da metodologia e do objetivo que era - através do mapa mental - construir que visão os Galibi Kali'na têm do Território, seguido da apresentação da equipe que estava ali para facilitar o trabalho. Partindo do pressuposto que a cartografia social é um instrumento metodológico, que nos permite ir além da técnica e perceber nas narrativas e representações trazidas pelas memórias dos participantes da oficina de mapeamento - informações que como

afirmou Sônia Jeanjacques: “conseguir juntar o passado e o presente num conjunto de elementos identitários é fantástico”.

Figura 2: oficina de cartografia social na comunidade Galibi



Fonte: Davi Marworno, fev/2022

Dessa forma, tentamos captar a ideia de território que os Kali’na têm. A oficina gerou um acervo fotográfico, vídeos e mapas. Assim como a transferência de técnicas e conhecimento sobre softwares de elaboração de mapas para os jovens Kali’na. Todo o processo foi permeado pela reflexão-ação do território e dos instrumentos técnicos. O mapa mental gerado saiu da proporção das folhas A0, pois foram utilizadas quatro folhas, assim a captura dessa imagem para elaboração do mapa alterou o grau de dificuldade, além disso, encontrávamos numa cidade pequena que não oferece o serviço de gráficas com maquinário para essa digitalização.

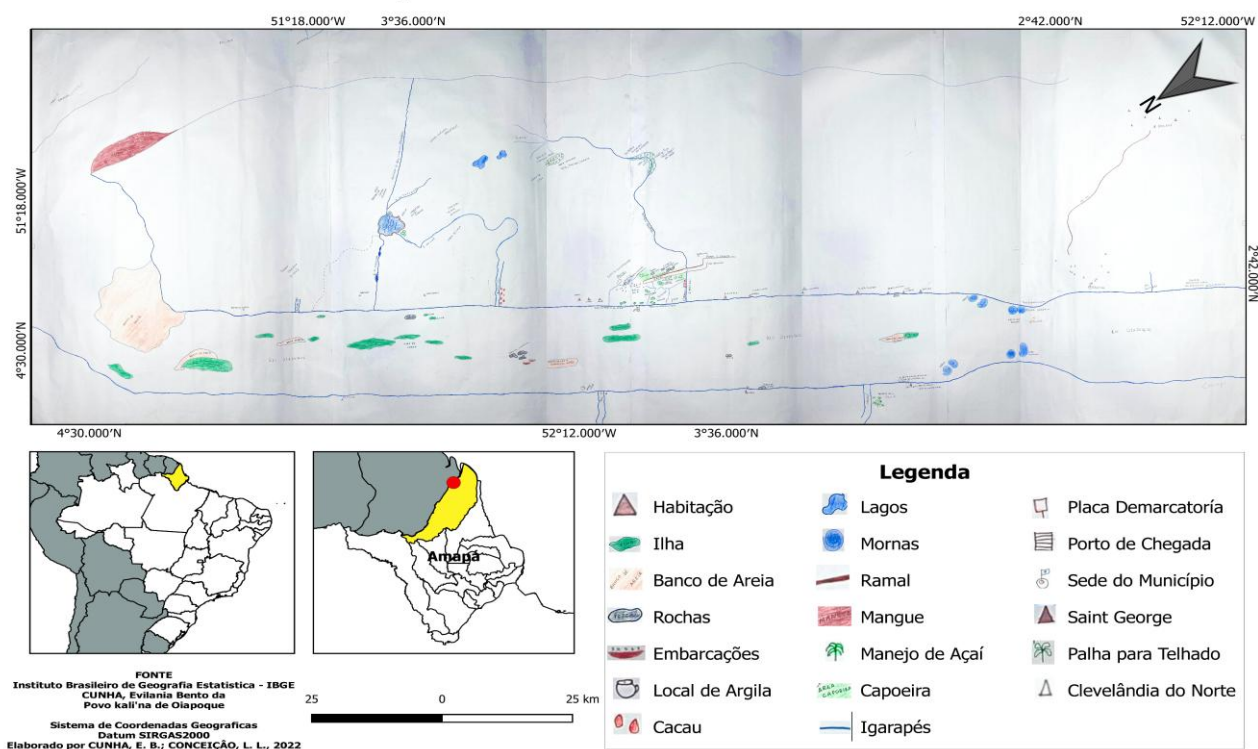
Então a criatividade da equipe técnica com a participação dos jovens estudantes de Geografia criou uma estratégia para captação da imagem que não precisasse de um scanner profissional, sendo, de certa forma, acessível em lugares distante dos grandes centros urbanos e que não possuem esses serviços de gráficas. Era preciso fotografar a imagem em partes e depois fazer uma montagem, mas fazia-se necessário centralizar e tirar a sombra, a sugestão para a questão da sombra foi utilizar lâmpadas fluorescentes e uma mesa de vidro; essa técnica atendeu ao nosso objetivo. Contudo, o mais importante na oficina de cartografia social foi o contato das três gerações de Kali’na na presentes hoje na Comunidade do Galibi.

Figura 3: scaneamento com técnica própria



A oficina de cartografia social gerou um mapa mental com muitas informações sobre como os Kali'na de Oiapoque vêem o território. No processo de análise dos dados foram elaborados novos quatro mapas categorizado para melhor compreensão do conceito de território. Desse modo as próximas imagens mostrarão essa sequência.

Mapa Mental do Território Kali'na



As memórias dos mais velhos e o desejo de aprender dos mais novos gerou uma interação e complementariedade. Partindo do mapa mental foi escolhida quatro categorias para análise:

1. Os elementos de representação do sagrado que estão no mapa: as ilhas, as rochas, as tormentas, os animais e os seres sobrenaturais;
2. Lugares de uso para reprodução da cultura: local da argila, gabaret, árvores de construção de canoa e tambor, lugares de pescaria;
3. Elementos que representam os fluxos e deslocamentos: caminho para a Aldeia Santa Izabel, caminho para o oceano, ramal, limites da terra indígena;
4. Elementos de comercialização: Clevelândia, Saint George, os produtos que eram comercializados.

51°18.000'W 3°36.000'N 2°42.000'N 52°12.000'W

N.000°15.15' N.000°06.4'

4°30.000'N 52°12.000'W 3°36.000'N

Legenda

Mornas Rochas Ilha

25 0 25 km

FOITE
Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE
CUNHA, Evilania Bento da
Povo ka'i'na de Olapoque

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SIRGAS2000
Elaborado por CUNHA, E. B.; CONCEIÇÃO, L. L., 2022

O primeiro conjunto de elementos que traremos são os lugares sagrados, ou que na cosmovisão Kali'na precisam ser respeitados. Seguindo a ordem das narrativas na elaboração do mapa mental, partiremos das Mornas - esse termo é utilizado pelos Kali'na para definir uma espécie de redemoinho associado à presença de rochas no rio Oiapoque; essas mornas se

encontram embaixo da Ponte Binacional e em frente à Comunidade Blondin, uma comunidade indígena nas margens do rio Oiapoque do lado Francês.

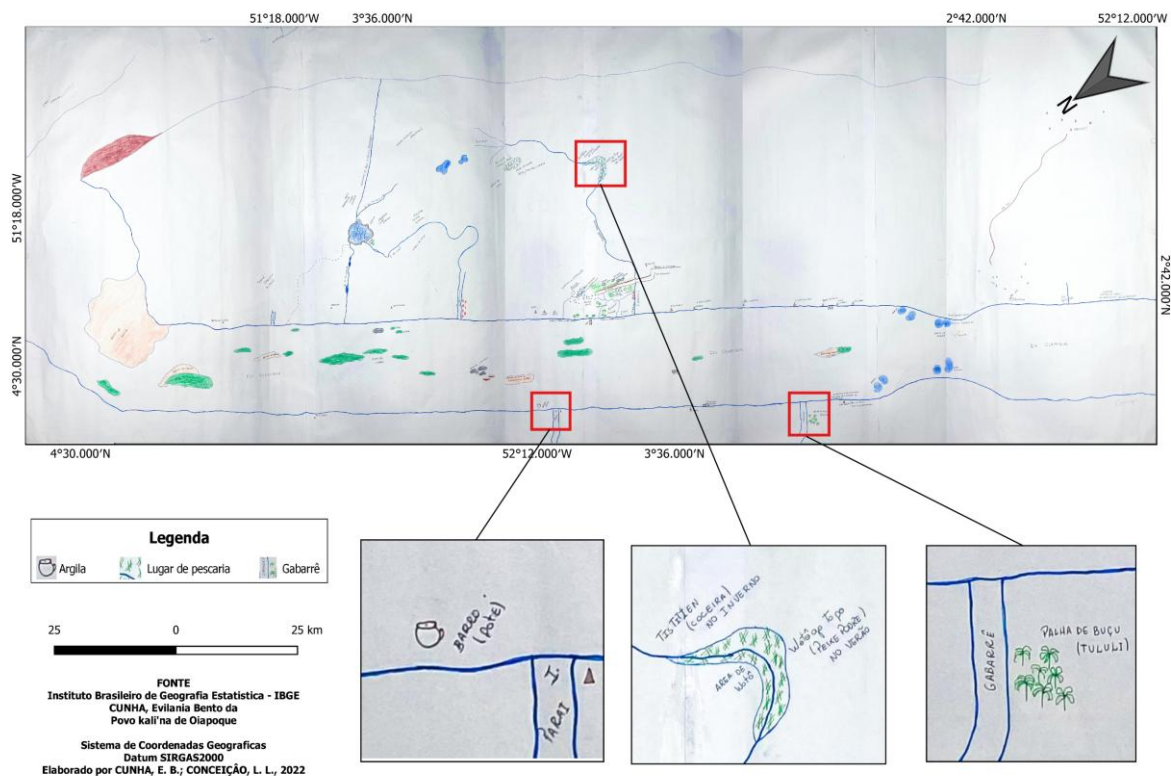
Ao localizar a ponte, foi mencionado que seria um local de abundância do peixe filhote, porém Cristina logo acrescentou que pode até ser, mas seu pai não ia ali para pescar; segundo ela, eles sempre pescavam na direção da foz indo para o oceano. Daí iniciou uma sequência de narrativas, de forma que uma história foi se ligando à outra. As mornas exigem dos Kali'na uma atitude de atenção, de cuidado, de temor; é um lugar que demanda respeito; sem entrar em detalhes, Renata falou que seu avô explicava porque as mornas eram redondas e porque deveriam ser respeitadas. Sônia reforça que a pedra, o mato e o rio são lugares dos quais devem manter distância e, caso tenha que ir, precisa ter alguns cuidados.

Ao mesmo tempo que os relatos surgiam em torno das mornas localizadas embaixo da Ponte Binacional, foram surgindo as menções a outros elementos sagrados ou temidos pelos Kali'na como as rochas, e nessas rochas habitam outros seres que são denominados “o dono do local”, mas na explicação de Renata é o local que chama esses seres; nesse caso, são as rochas que chamam, são as ilhas que chamam, é a floresta que chama, portanto, esses lugares precisam ser temidos e respeitados.

São as rochas que chamam esse ser, o ser pode ir embora, mas as rochas ficam e vão continuar chamando os seres sobrenaturais, nesse caso o peixe. (Claudia Renata Lod, 26/02/2022).



Reprodução da cultura: argila, lugar de pescaria, gabarrê

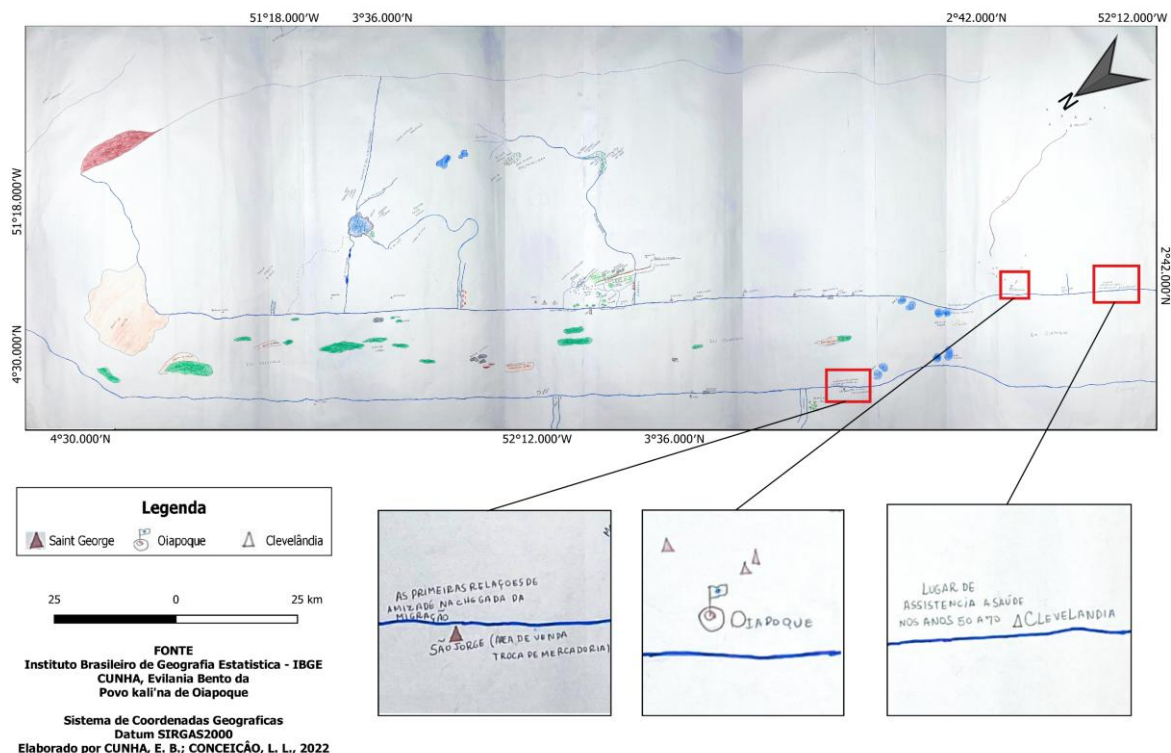


A cerâmica é um traço da cultura Kali'na; os potes de argila serviam para conservar água, para cozinhar, armazenar e servir o caxixi, bebida fermentada da mandioca consumida no cotidiano e nas festas da comunidade; para tanto, era necessário encontrar um local para a retirada de argila para fabricação desses utensílios; esse local ficava em frente à comunidade na margem esquerda do rio Oiapoque em direção à foz, sendo essa margem do rio parte do território francês.

Outro lugar também na margem francesa era o local de retirar as palhas que serviam de telhado para as casas; essas palhas só eram encontradas nas margens do Igarapé do Gabaret; nos primeiros anos da comunidade, todas as casas tinham esses telhados que - na arquitetura tradicional Kali'na - chegavam próximo do chão e não tinha paredes. Cristina Lod lembra que na sua infância ela viveu numa casa assim, depois mudou para casa de madeira e depois para casa de alvenaria. Nota-se a necessidade de um conhecimento dos recursos naturais e de onde se pode encontrá-los.



Comercialização; Saint George, Oiapoque, Clevelândia



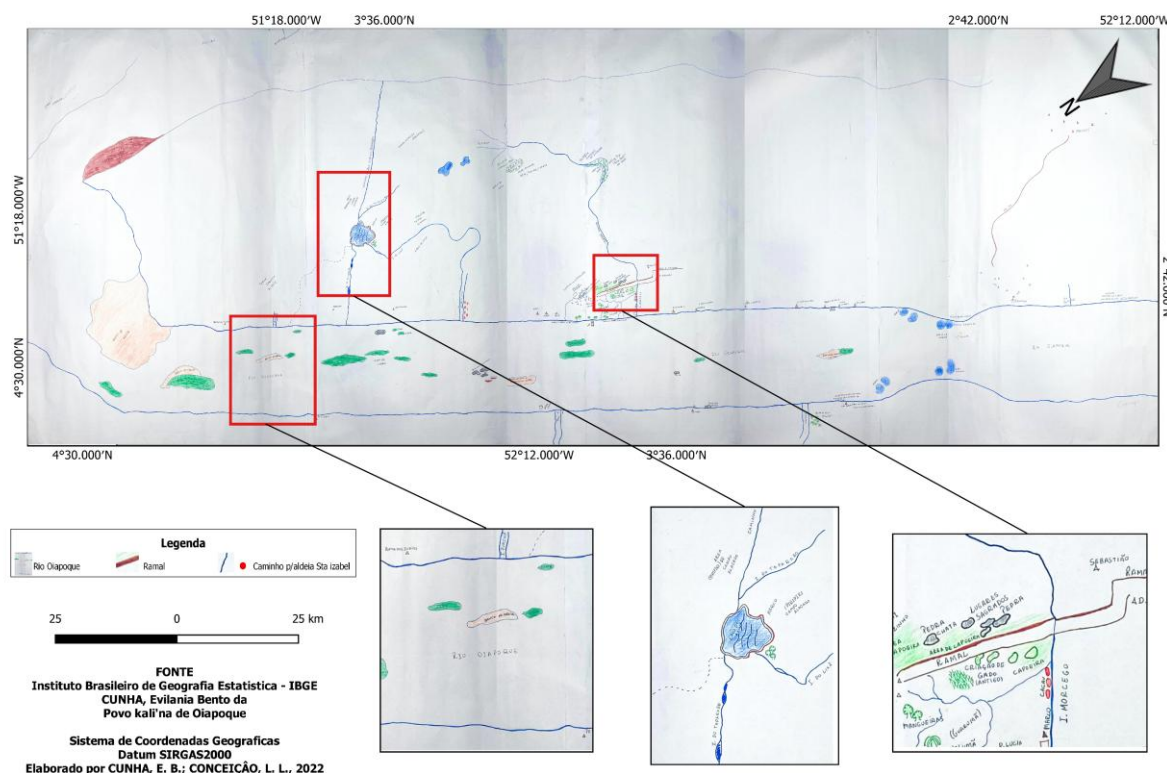
Como foi dito, a migração dos Kali'na seguiu uma ordem de negociações diplomáticas. Como eles eram também cidadãos franceses, tinham uma entrada fácil em Saint George, até mesmo porque nas duas primeiras décadas havia uma colaboração entre todos que habitavam essa fronteira norte do Brasil; a densidade demográfica era baixa, como indica o censo no arquivo de Expedito Arnaud, que mostramos no capítulo 3.

A outra relação comercial era com Clevelândia do Norte, com o Exército Brasileiro; os Kali'na mantinham uma boa relação, inclusive o próprio exército vinha buscar os produtos na comunidade com um barco; boa parte de que plantavam era vendido para o exército. Mas havia também as trocas com os vizinhos do rio Oiapoque, na comunidade dos Saramacá do Tampac e com outros moradores, o movimento era de troca, também os vizinhos vinham para vender algum produto específico.

A comercialização, a troca, é uma prática dos povos indígenas, como aponta Gabriel Coutinho Barbosa (2005), nos diversos momentos históricos desde os relatos dos viajantes, até os encontros promovidos pela FUNAI e CIMI - desde a década de 1980 até hoje, com algumas modificações dentro do contexto da globalização e do acesso aos equipamentos - sejam fornecidos pelo estado e as políticas públicas, seja pelas organizações indígenas.



Fluxos e deslocamentos: Rio Oiapoque, caminho p/aldeia Sta Izabel, ramal



O rio Oiapoque tem sido o canal para os diversos fluxos dos Kali'na; ao começar a trazer para o mapa os elementos que constroem o território Kali'na partiu-se, do rio Oiapoque e observou-se as diversas relações estabelecidas com esse rio. Para vir de Cayenne, os parentes que continuaram na Guiana vinham no barco que fazia linha na época, sendo essa a principal linha de circulação; a outra forma de chegar a Saint George era através de avião, pois a rodovia não existia.

A navegação no rio se dava para comercializar em Saint George e em Clevelândia e a viagem pra Clevelândia acontecia pelo menos uma vez por mês, feita com toda a família, para ajudar a remar, mas era também uma oportunidade de passeio e de vender e comprar o que precisava no comércio local.

Um outro caminho é através do Igarapé do Taparabu, que faz a fronteira da Terra Indígena. No inverno, a água sobe no campo, tornando possível chegar no rio Curipi; a primeira vez que Miguel trouxe sua esposa, que era Karipuna da comunidade Santa Izabel, foi por esse caminho. Os mais jovens não conhecem esse caminho, mas na década de 1950 e 1960, era muito utilizado pelos Karipuna do rio Curupi para cortar caminho e chegar em Oiapoque, mas também para desviar do Encruzo e evitar pagar imposto de suas mercadorias ao SPI. Essa rota não era muito



feita pelos Kali'na e embora tenha sido feita algumas vezes, era mais usada pelos Karipuna. Em março de 2022, numa atividade de fiscalização dos limites da Terra Indígena, como atividade de um projeto que a Associação Na'na Kali'na recebeu financiamento, foi feito esse caminho, mas estava muito fechado indicando que há muito tempo não é frequentado, o que representa algo positivo, pois fica no limite de três terras Indígenas, indicando a conservação destas terras e também pelo avanço no meio de transporte essa rota não é mais necessária.

O outro caminho é o ramal que liga a comunidade do Galibi à cidade de Oiapoque, pelo ramal do assentamento do Igarapé Grande; a iniciativa pretende aproximar as distâncias, facilitar o fluxo e sobretudo tirar o trabalho pesado, especialmente para os homens que devem puxar as voadeiras da margem do rio por causa de roubos. Poderíamos discutir sobre os impactos positivos e negativos da abertura de uma estrada ligando a cidade à Terra Indígena, mas os Kali'na pediram que não abordasse esta tese por se tratar de algo que está acontecendo e as análises e reflexões podem não ter bases sólidas; além disso, eles mesmos querem escrever sobre esse processo talvez daqui a dez anos; como essa decisão parte de uma autonomia desse povo, eles pretendem ser protagonistas desse relato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo da pesquisa construímos e reconstruímos algumas vezes o caminho, esse processo favoreceu um amadurecimento do pensar e do agir, mas também e sobretudo, o do sentir. A oficina de cartografia social foi um dos caminhos reconstruídos no caminho da tese.

Portanto, esse olhar dos Kali'na deveria ser conduzido por suas memórias e por aquilo que julgassem ser importante trazer para esse mapa, sem se prender ao aspecto físico dos limites da Terra Indígena.

Sendo o desenho um instrumento para o pensar geográfico, o mapa mental dos Kali'na é uma expressão de sua territorialização na interface entre a racionalidade ocidental e a racionalidade indígena, na intenção de gerar um conhecimento sistematizado e ao mesmo tempo preservar os saberes e as tradições. Um aprofundamento, ou mesmo a elaboração de etnozoneamento já foi iniciado com essa oficina, cabendo a comunidade retornar ao acervo e dar continuidade.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. (org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ. 2008. (Coleção Território, ambiente e conflitos sociais).

COLI, Luis Regis. Sistemas de Informação Geográfica e iniciativas participativas de mapeamento: estratégias, ambiguidades e assimetrias. IN: ACSELRAD, Henri (org.). Cartografia social e dinâmicas territoriais. 2010, pp. 93-122.

CUNHA, E.B. A dinâmica territorial do povo Kali'na de Oiapoque-AP. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal do Pará. 2022.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.